

80 Anos de Caio Porfírio Carneiro

Rosani Abou Adal

Caio Porfírio Carneiro completou 80 anos, no dia 1 de julho, que foram comemorados com uma festa surpresa, organizada pela União Brasileira de Escritores e amigos. O evento festivo aconteceu no dia 25 de junho, na sede da entidade, que ele administra desde 1963.

O nosso querido Dom Porfírio Carneiro recebeu uma placa de prata da UBE pelos serviços prestados à entidade e as nossas Letras. Foi homenageado pelo Mutirão Cultural da UBE, que foi representado pela diretora Sueli Carlos, com um diploma de mérito cultural. Recebeu um opúsculo dos amigos sobre sua vida e obra.

Fazer uma festa em homenagem ao autor de *Trapiá* não é tão fácil, porque é impossível reunir todos os seus amigos. Entretanto a presença dos ex-presidentes Claudio Willer e Fábio Lucas, do atual presidente Levi Bucalem Ferrari, de ex-diretores, membros da atual diretoria e de sócios puderam representar o universo de amigos escritores que Caio conquistou, ao longo desses anos, como secretário administrativo da entidade.

Conheci Caio Porfírio Carneiro, em 1986, na antiga sede da União Brasileira de Escritores, localizada na Rua 24 de Maio, 250 – 13º andar, em São Paulo. Ele me foi apresentado pela poeta e militante ecológica Cleide Veronesi e, desde então, a nossa amizade se consolidou.

Freqüentei as reuniões boêmias, promovidas todas as quartas no barzinho da entidade. As saudosas boemias literárias tinham Caio como anfitrião e eram conduzidas pelo tio Franco, como todos o chamavam carinhosamente, o administrador do barzinho da UBE.

O nosso “chá das sete” era regado à loirinha, pastéis de tira-gosto e de um bom papo literário. Caio e eu marcávamos o ponto todas as quartas até o horário do fechamento do prédio, às 22 horas. Depois,



Luzia Elaine de Souza Roman

Caio com a placa da UBE

esticávamos com os amigos até o Bar Brahma ou até o Bexiga e a boemia literária seguia até a última condução. Eu saía correndo para pegar o derradeiro metrô e Caio tomava um táxi.

Saudades dos amigos que já se foram e das boemias literárias que estão precisando de um novo local e de um anfitrião para comandá-las. Atualmente tudo é mais difícil, existem inúmeros contratempos como a violência nas ruas da cidade, os altos preços, a Lei seca, a falta de tempo etc.

Todos esses anos que convivo com o Caio e, mais intensamente, desde o ano 2000, em que sou sua parceira de trabalho na secretaria administrativa da UBE, nunca o vi mal-humorado. Às vezes é meio



Luzia Elaine de Souza Roman

Rosani e Caio

agitado e fala aceleradamente quando está preocupado com o caixa da entidade. Ele sempre disse que cuida e administra melhor o dinheiro da UBE que o dele.

Dom Porfírio Carneiro todos os dias me ensina uma lição de vida, sobre a arte de fazer um conto – esse é o gênero em que ele é mestre – e sobre como “rimar prefeitura com rapadura”.

Sempre me surpreendo com suas criações, entretanto conviver

ao seu lado diariamente é mais que uma lição de vida. Sou feliz e eternamente grata por tê-lo como amigo e como “chefe” ao longo desses anos.

Tem dias que ele parece um menino maroto, de barbicha branca, com os óculos caídos na ponta do nariz, com seu pacote de biscoito de sequilhos. Desde que o conheço, sempre esteve munido do seu biscoito favorito, em companhia de papéis, canetas e de amigos.

Parece que nunca envelhece porque nunca deixou de ser jovem. A jovialidade está no seu espírito e é esse o segredo para se viver bem.

Caio não é da era digital. Fica fascinado ao ver um computador, mas a máquina de escrever e a caneta são as companheiras da criação literária. Tem endereço eletrônico (caio@ube.org.br), mas sou eu que digito e envio as mensagens. Ele fica sentado ao meu lado ditando o texto e vai corrigindo os erros de digitação tudo ao mesmo tempo. Às vezes fala como se estivesse proferindo um discurso sem interrupção, mais veloz que o computador e tento acompanhá-lo tropeçando nas letras.

Dom Porfírio é amigo até debaixo d’água. Nunca soube dizer não quando alguém pede um favor. Se algum companheiro tem algum problema ou está doente, fica mais preocupado que para com ele mesmo. É emotivo, mas sempre com os pés no chão porque é realista.

Quando morre algum amigo do nosso convívio, logo trata de tomar as providências necessárias. Percebo que ele fica agitado, abatido e triste, contudo a sua imensa força interior lhe dá ânimo para suportar com resignação a situação. Caio nunca foi em velórios. Tem trauma de infância e sempre diz, brincando, que só irá ao dele porque será obrigado.



Caio aos 21 anos

O humor do Caio é surpreendente. Adora contar piadas e cantar. Sabe de cor todas as músicas de Dorival Caymmi, Jorge Faraj, entre outros. É a memória viva da nossa Literatura e da história da UBE. Às vezes tenho a impressão que ele é a própria história.

Não sei dizer qual é seu melhor livro.

Trapiá, livro de estréia, alcançou várias edições e agora foi adotado pela Universidade Federal do Ceará. *Os Meninos e o Agreste* foi agraciado com o *Prêmio Afonso Arinos*, da Academia Brasileira de Letras, como o melhor livro de contos do ano. O *Casarão* foi laureado com o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro e recebeu Menção Honrosa do Pen Clube de São Paulo. O *Sal da Terra e Chuva - Os dez cavaleiros* foram adaptados com roteiro técnico para o cinema. Cheguei a conclusão que todos os seus livros são uma obra-prima.

Tenho seus livros autografados, inclusive todas as edições do *Trapiá*. A primeira edição do livro de estréia é uma raridade, mas consegui adquiri-la num sebo, em São Paulo.

Estava olhando uma estante fazendo uma garimpagem e, eis que de repente, cai um livro sobre a minha cabeça. Para minha surpresa era a primeira edição do *Trapiá*. Não quis olhar mais nada e também não importei com o preço. Paguei a conta. Fui logo embora com medo que o proprietário da livraria se arrependesse.

A maior raridade que guardo comigo é a sua amizade.

Obrigada, meu amigo.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, publicitária, membro da UBE e da Academia de Letras de Campos do Jordão e 2ª vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.



A Comissão de Trabalho Rejeitou a Regulamentação da Profissão de Escritor

A Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público rejeitou o Projeto de Lei nº 4641/98, de autoria do deputado Antonio Carlos Pannunzio (PSDB-SP), que estabelece as normas e regulamenta a profissão de escritor. A proposta tramita em caráter conclusivo e ainda será analisada pela Comissão de Constituição, de Justiça e de Cidadania.

O Projeto de Lei do deputado Pannunzio define como escritor "aquele que, individualmente ou em colaboração, houver criado obra intelectual escrita, de qualquer gênero ou natureza, sob qualquer forma ou processo técnico no País ou no exterior".

O parecer contrário foi apresentado pelo deputado Tadeu Filippelli (PMDB-DF), que argumentou as atividades dos escritores não constituem uma profissão única e que só é viável quando indispensável para a proteção do interesse público, como no caso do médico.

Conforme o CBO - Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho e Emprego, o código 2615 é referente aos *Profissionais da escrita*, que inclui poetas, autor-roteirista, crítico, escritor de ficção, escritor de não ficção e redator de textos técnicos.

A classificação do CBO não estabelece a regulamentação da profissão, apenas a classifica. A profissão dos profissionais da escrita também não é regulamentada, pois não consta da Listagem das Profissões Regulamentadas: normas regulamentadoras, relacionadas no site do Ministério do Trabalho e Emprego.

Esperamos que a Comissão de Constituição, de Justiça e de Cidadania aprove o Projeto de Lei e que a profissão seja regulamentada.

Aproveitamos o ensejo para dar nosso apoio ao Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo e à Federação Nacional dos Jornalistas na luta pela obrigatoriedade do diploma. Esperamos que os onze ministros do Supremo Tribunal Federal votem a favor da obrigatoriedade do diploma para a profissão de jornalista.

Deixamos nosso protesto a todos os que votaram pela não necessidade de formação superior para o exercício da profissão de jornalista, porque queremos uma sociedade mais digna e justa.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Bairro: _____ CEP: _____

E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -

São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647
- Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

FAZENDA MORRO AZUL

Paulo Bomfim

O Conselho Estadual de Cultura, por mim dirigido nos anos 70, dentro das comemorações do Cinquentenário da Semana de Arte Moderna, patrocinou um filme de Carlos Augusto Calil sobre Blaise Cendrars.

Trinta e um anos mais tarde, a figura do colecionador de aventuras volta a se encontrar comigo através das informações que Carlos Celso Orcesi da Costa me fornece sobre sua fazenda Morro Azul, cenário do romance "La Tour Eiffel Siderale" publicado por Cendrars em 1949. "C'est la fazenda de l'Empereur, elle est tout en marbre, il n'y a pas d'autre pareille dans tout le Brésil".

O local que recebeu duas vezes a visita de D. Pedro II, está também presente no poema que Oswald de Andrade a ela dedica no livro "Pau Brasil".

"Passarinhos

Na casa que ainda espera o Imperador

As antenas palmeiras escutam Buenos Aires

Pelo telefone sem fios

Pedaços de céu nos campos

Ladrilhos no céu

O ar sem veneno

O fazendeiro na rede

E a Torre Eiffel noturna e sideral"

Foi contemplando aquele céu estrelado que Luiz Bueno de Miranda descobre em 1914 a cons-



Carlos Augusto Calil

telação que batiza com o nome de "La Tour Eiffel", em visão profética da contra-ofensiva do Marne que se dava naquele exato momento.

Essa descoberta que seria motivo de comunicado de Camille Flammarion à Sociedade Astronômica de Paris, é também mencionada pelo Professor Adrian Roig em trabalho publicado na Universidade de Montpellier.

Morro Azul e seu firmamento fazem parte da literatura universal.

O achado sideral do fazendeiro paulista Luiz Bueno de Miranda, astrônomo amador apaixonado, também, pela estrela Sarah Bernhardt, brilha sobre a casa-grande, as palmeiras e o jequitibá de cinco séculos da propriedade fundada pelo Brigadeiro Jordão.

Ali, a História e a lenda se amam em paz.

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

Livros de todas as áreas importados diretamente da Itália.

livraria italiana



Aceitam-se encomendas.

Enviamos por sedex a cobrar para todo o Brasil.

Rua Luiz Coelho, 340 - Loja 2 - São Paulo - SP - 01309-000 - Telefax: 11 3159-3446

Tels.: 11 3259-8915 • 3257-9270

litalia@livrariaitaliana.com.br

www.livrariaitaliana.com.br

Monumento a Maria Bethânia

Música é perfume.
M. B.

RODOLFO ALONSO

En el aire, en el mar,
en lo neto del día
o la precisa noche,
sin crepúsculo nunca,
en Brasil que es un mundo,
en el mundo, en el mundo
crepitante y veloz
hay lugar para un mundo:
la voz que usa tu cuerpo.

Hay tono, hay densidad,
hay gravedad, hay timbre,
hay palabra que canta
y hay música que expresa
el latido que sientes.
Rige, Bethânia, ordena
el caos en sentido,
la altura en cante hondo,
la intensidad en aliento.
Ruge, Bethânia, ruge,
feroz delicadeza,
no hay poesía en los libros,
oír no es suficiente,
y nada es suficiente
ni siquiera la música.
Porque del pueblo viene,
del humus de lo humano,
de la lengua hecha canto
la luz que te oscurece,
el resplandor orgánico:
la luz que usa tu cuerpo.

Rodolfo Alonso é poeta e tradutor da poesia brasileira na Argentina. Traduziu Olavo Bilac entre outros poetas brasileiros.

Versão de
Anderson Braga Horta

*Nos ares ou nos mares,
na nitidez do dia
ou na precisa noite,
sem crepúsculo nunca,
no Brasil que é um mundo,
no mundo, neste mundo
crepitante e veloz
há lugar para um mundo:
a voz que usa teu corpo.*

*Há tom, há densidade,
há gravidade, há timbre,
há palavra que canta
e há música que expressa
a pulsação que sentes.
Rege, Bethânia, ordena
a poesia do mundo,
torna o caos em sentido,
a altura em canto fundo,
e faz do intenso, alento.
Ruge, Bethânia, ruge,
feroz delicadeza,
não há poesia nos livros,
a leitura não basta,
ouvir é insuficiente,
e nada é suficiente,
nada, nem mesmo a música.
Porque do povo emana,
vem do húmus do humano,
da língua feita canto
a luz que te escurece,
o resplendor orgânico:
a luz que usa teu corpo.*

Anderson Braga Horta é escritor, poeta, tradutor, crítico literário e membro da Associação Nacional de Escritores.

O POETA DA FEIRA

Ely Vieitez Lisboa

Estava eu no stand dos Autores locais, na 8ª Feira do Livro de Ribeirão Preto, quando, delicada e sutilmente, um senhor dirigiu-se a mim. “Posso lhe oferecer meu livro?”. Eu não conhecia Alfredo Rossetti. Recebi a gentileza, agradecendo. O título da obra encantou-me: “Colheita dos Ventos”. Bela metáfora, semântica rica.

Ora, o título de um livro é de suma importância e pode até influenciar no destino da obra. Ele fisga o leitor, seduzindo-o. Já se disse: quando há uma surpresa, acontece uma conquista. O que surpreende nos poemas de Rossetti? Um vocabulário muito rico, às vezes erudito, concisão, jogos semânticos, originalidade, ritmo. O poema “Expressar” (pág. 9) é exemplo expressivo: “Qualquer palavra / lavra / quando a palavra / livra”. Na mesma página, o último verso do poema “Ausência” é de grande beleza: “_ É que longe de ti a aurora turva”. Veja-se, semanticamente, a riqueza de significados do substantivo aurora (vida, felicidade, amor) e o verbo intransitivo “turva”, que poderia ser visto como uma verbalização do adjetivo. O Poemeto 12, da página 18, é uma pequena obra-prima: sonhos, ideais, mudança. O poeta visto sinodoicamente: “Pequena parte de mim pode ser saudade”; o verso final é precioso: “mas o resto : susto constante”. Assim é o poeta Alfredo Rossetti, que vive entre livros, trabalha como voluntário na Biblioteca Padre Euclides e mantém o site Sítio da Poesia. Um quixote com seus temas vários, às vezes tirando inspiração do cotidiano, da Natureza. Usa termos raros, como no poema “Ermo”: “com olhos cor de tisne assisto” (o grifo é nosso). Olhos escurecidos pelo calor, pelo fogo da

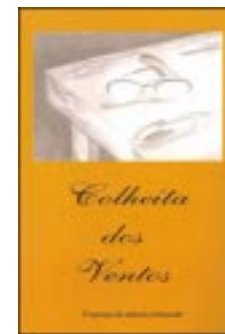
vida? Olhos de fuligem, expressão que detona o sentido de mancha, nódoa, mácula. E como em literatura nada é fortuito, casual, não terá o poeta usado o verbo com a regência de transitivo direto (assisto teu caminhar) para enriquecer a abrangência do sentido, até o verso final, “rumo ao meu abandono”?

“Colheita dos Ventos” é uma inesgotável fonte do mais puro lirismo, alicerçado na realidade, no sonho e na arte (Repartido I, II e III). Filosofia, auto-análise, universalismo, pequenos poemas notáveis: “Na avenida da língua portuguesa / Deus / passeia em rimas / com ateus”(página 44). Ou os versos finais do poema “Além do rio” (página 55): “A alma quando leve, / basta-se”.

O livro termina com excelentes haicais, gênero sintético e difícil. O poema “Persona” é um verdadeiro confiteor: “A chave da minha vida só a poesia destrava. / Sinto estar sempre entre a aparência e a névoa / e um verso, ao qual recorro, se a dor crava. / Quando verdade, / não sou carne nem espírito. / Apenas palavras” (página 67).

Em uma leitura rápida descobrem-se tesouros no livro de Alfredo Rossetti. “Colheita dos Ventos” é um manancial de lirismo, criatividade, inspiração rica, sensibilidade. O Poeta da Feira sabe usar bem a arma maior: a palavra. Ritmo, esmerada linguagem figurada, inteligência, cultura. O verdadeiro poeta que, com um dístico fecha o poema “Desconforto”, semanticamente criativo: “São os eternos vetos ao meu coração / ou me roubaram a aurora?”.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br



**Roupa
Européia**

Av. São Luís, 218 – 01046-000 – São Paulo – SP
Tels: (11) 3129-9511



S e b o

Livraria Brandão

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

Diálogo fantástico com uma barata famosa

Maria Lúcia Silveira Rangel

Naquela noite havia sonhado com papai; ele levantava a mão num gesto de advertência, como costumava fazer, apregoando em voz autoritária:

– Filha minha não casa sem diploma; precisa prover sua subsistência, não depender de marido.

Isso, porque eu estava namorando firme o Jorge e não havia terminado o curso na faculdade.

Se ele tivesse vivido mais um pouco, penso que se desiludiria com seu ideal de “classe média intelectualizada” ao ver sua filha professora tão desmerecida e mal remunerada..

Acordei com a cabeça pesada, o corpo dolorido, mas decidi continuar a rotina habitual..

Leciono no período noturno de uma Escola Estadual, vizinha ao bairro onde moro, o que facilita minha vida.

Os filhos já criados sabem preparar seus lanches e Jorge janta o prato requentado. Apesar da indisposição, resolvi fazer pão caseiro, que os meninos apreciam.

Assim, fui ao supermercado comprar os ingredientes.

Na cozinha, comecei a preparar o pão: água morna, sal, açúcar, fermento para levedar; ao me voltar, deparei uma barata parada junto aos meus pés, com aquele jeito sorrateiro que elas possuem. Ora, tenho pavor desses insetos, não ou-

sando sequer matá-los, tal a náusea que me provocam suas vísceras esbranquiçadas; levei tamanho susto que a tigela escapou-me das mãos e a mistura caiu justamente sobre a maldita barata.

Então, para meu pasmo e horror, a barata começou a crescer; cresceu devagar mas constante. Até alcançar mais ou menos um metro e meio, ocupando grande espaço na cozinha exígua, quase me imprensando contra a parede.

Aterrorizada, esperando que ela avançasse sobre mim e me atacasse, ia abrir a porta e sair correndo, quando ela falou com voz sumida, vinda do mais profundo de seu interior, uma voz gemente, cheia de ressonâncias, quase inaudível:

– Sei que está com medo de mim; aliás, todos me temem por algum motivo: ou por ser um inseto asqueroso, que vive na imundície, ou por minha própria aparência repelente. Mas não tenho culpa de ser assim, até posso dizer que sou menos maléfica que o rato que traz a peste ou que a aranha que envenena.

Apesar disso, todos procuram me destruir – as mulheres sobem nas cadeiras e põem-se a gritar quando me vêem e é preciso que apareça um cavalheiro para me esmigalhar e acalmar a dama de seu faniquito.

Até os ambientalistas, que em nome do equilíbrio ecológico evitam matanças inúteis, também não me protegem, permitindo que eu seja

vítima de perseguição sistemática.

Embora o pavor me dominasse, lembrei-me da Metamorfose, obra lida quando cursava o Colégio de Aplicação, e tive certeza de que era ela própria que estava diante de mim.

Lá permanecia ela equilibrada sobre as perninhas curtas e frágeis, as costas abauladas e escuras, a boca rasgada entre as mandíbulas fortes.

Juntando coragem, pois estava quase desmaiando de medo, perguntei:

– Você é a barata do Kafka?

– Claro que sou; ainda não me havia reconhecido? Talvez seja eu a barata mais famosa do mundo nunca se ouviu falar de outra; não há em obra alguma, nem na Bíblia, nem em Homero, nem na Ramaiana, referência sobre uma barata... Precisava aparecer Kafka para me tornar conhecida no mundo inteiro...

Lembrei-me da Metamorfose guardada em minha estante: A história do pobre Gregor Samsa hostilizado e sacrificado pela família – a bela e implacável Irmã Grete, a bondosa mas alheada Mãe, o Pai dominador e mesquinho – no momento que, transformado em barata, não conseguiu mais sustentá-la. Lembrei-me quanto ficara impressionada com a cruel conotação social que emanava do livro, criticando a valorização dos bens materiais:

Apesar do medo, ousei perguntar, continuando aquele diálogo fantástico:

– Por que você aparece justamente em minha cozinha?

– Porque de vez em quando fico enfiada de estar presa no livro, então resolvo dar uma voltinha; hoje apareci por aqui pensando que não seria notada e que pudesse en-

contrar no lixo alguma fruta podre.

Eu, conversando com uma barata! Parecia que fazia parte de uma cena surrealista! Não era possível que fosse verdade!

Um calafrio percorreu meu corpo; tateei minha fronte: escaldava; a gripe me derrubara...

Estonteada, abandonei tudo, fechei a porta e fui para meu leito: o frio gelava meus pés e minhas mãos, a garganta seca e ardente pedia um copo de água, mas eu não tinha coragem de voltar à cozinha.

Permaneci deitada bem coberta, imaginando se teria disposição de dar minhas aulas de Literatura Brasileira; um torpor tomou-me; adormeci.

Acordei sentindo meu marido apalpar minha testa.

– Está se sentindo melhor?

Os sintomas haviam diminuído e o mal estar abrandara..

Ele disse:

– Matei uma barata na cozinha.

– Por que? Era a barata do Kafka...

– Você está delirando com a febre...

– Como conseguiu? Ela era enorme.....

– Nada disso; tamanho normal... Você deixou tudo em completa desordem; que aconteceu?

Minha cabeça ainda continuava doendo; voltei-me para o lado sem responder.

Quando a gripe me deixou, corri à estante, à procura da obra de Kafka; identifiquei capa, retirei-a da prateleira. Ao abrir o livro, constatei, surpresa e desolada, que suas páginas estavam em branco...

Maria Lúcia Silveira Rangel é escritora e crítica literária.

Especializada em importação direta de livros portugueses.



Livros de todas as áreas de editoras portuguesas, Cds, artesanato e galeria de arte.

Desconto de 10% para advogados, juristas, professores e estudantes.

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais. Prazo de entrega: 15 dias.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP
E-mail: coimbramartins@uol.com.br
Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

Tel.: (11) 2796-5716

portsonia@ig.com.br

PONTES

Raquel Naveira

Ponte é símbolo universal de passagem. Duas pontes da minha terra, o sul de Mato Grosso, marcaram a geografia de minha infância: a Ponte Velha, que unia os municípios de Aquidauana e de Anastácio e a ponte sobre o rio Apa, com Bela Vista do Brasil de um lado e Bela Vista do Paraguai de outro.

A Ponte Velha era de ferro e cobre, uma espécie de espada de aço sobre águas pardacentas. Dos dois lados, a imensidão do mundo, o mistério do mato, a flora humilde dos cerrados, o aroma dos cajus vermelhos e amarelos, os seixos, os troncos retorcidos, onde choravam as juritis. A Ponte Velha era um divisor de espaços e atravessávamos as serras azuis entre suspiros de pássaros.

Sobre o rio Apa e sua ponte, escrevi este poema: "Olhe no mapa/ Aqui entre o sul de Mato Grosso/ E o Paraguai./ À beira duma cidade chamada Bela Vista,/ Passa o rio Apa./ Se conheço o Apa?/ Ah! Amigo!/ Quando criança/ Não havia ponte,/ Ele me parecia tão largo.../ Atravessávamos em pequenos barcos,/ Minha avó de sombrinha de estampa/ E aquele ar de quem usava perfume francês./ Rio Apa.../ Lembro-me das savanas secas,/ Dos pés de cedro,/ Das laranjeiras amargas/ Ardidias de sol;/ Um som misterioso nas margens:/ Gemidos,/ Gritos de guerra,/ Cordas de harpa./ Ao longe/ Via a escadaria de uma igreja,/ Uma santa na lapa;/ Na ribanceira,/ Um marco:/ Jovens rapazes/Mortos no Apa./ Pescava nas águas turvas,/ Entre os morros de formigas,/ Envolto numa capa/ Porque às vezes faz muito frio/ No Apa./ Se conheço o Apa?/ Ah! Amigo!/ Está vendo este mapa/ Este filete azul?/ Ficou gravado pra sempre,/ Artéria em meu coração."

O livro chegou às mãos do embaixador e intelectual Mário Gibson Barbosa, que me enviou uma carta datada de 04 de junho de 1998, na qual ele, depois de transcrever o poema "Rio Apa", declarou: "Pois bem: hoje existe a ponte. E sou eu o pai dela. Quando Embaixador no Paraguai, em 1967, visitei oficialmente Bela Vista, onde fui recebido com pompa e circunstância, pela guarnição militar local. Espantou-me, então, a inexistência de uma ponte sobre o rio Apa, demarcador de nossa fronteira com o Paraguai, sem a qual ficava interrompido o sistema viário da região. Por minha própria iniciativa, pedi pessoalmente a Mário Andreazza, Ministro dos Transportes no Governo Costa e Silva, que cons-



Carlos Nejar

truisse a ponte, explicando-lhe sua absoluta necessidade. Ele acedeu prontamente- e meses depois lá estava a ponte... Desculpe-me narrar-lhe esse fato em que apareço como protagonista. Mas não podia deixar de fazê-lo, diante da emoção que me trouxe o seu belo poema."

Ponte Velha foi também o nome de uma coleção coordenada no Brasil pelo poeta Carlos Nejar, da Academia Brasileira de Letras e em Portugal, pelo poeta António Osório, com o apoio do Instituto Camões e publicada pela Editora Escrituras de São Paulo. Ponte estabelecida entre esses dois países irmãos, unidos pela história, pela língua e por antigas lembranças. Foi, ao mesmo tempo, uma nova ponte, dinâmica, onde transitaram novas idéias e poemas, envoltos por esse idioma belo e rude, impregnado da estética da melancolia das grandes viagens iniciáticas pelos mares do mundo e da alma.

No dia 19 de agosto de 2004, na Livraria Lima Barreto, um local agradável na Vila Madalena, de propriedade do jornalista Miguel de Almeida, num clima de fados e vinhos, aconteceu o lançamento dessa coleção, com a presença da poeta portuguesa Rosa Alice Branco, uma intelectual ativa em seu país, onde preside a Limiar, selo editorial, revista de cultura e cooperativa de eventos literários. Como foi bom ouvi-la! O seu sotaque português ao ler os poemas encantou-me e me fez viajar por terras distantes. As ricas possibilidades do idioma materno, esse de Camões e Fernando Pessoa. Em seguida, a professora da USP, Nelly Novaes Coelho, formadora de espíritos por gerações, deu uma aula de literatura portuguesa, de amizade e respeito pelas tradições e abertura a novas realidades e caminhos.

Neta de portugueses, estudiosa da literatura portuguesa, amante da cultura lusa, ergui desde sempre entre Portugal e Brasil, no meu imaginário, uma ponte levadiça, um arco-íris, uma passarela por onde percorreram as musas da Poesia, coroadas de flores e revestidas pela pele da língua portuguesa.

Há uma ponte que realmente me fascina: a natureza daquele que é Ponte entre o homem e Deus, o mediador, o Sumo Pontífice: Jesus. Só Ele é a luz na travessia da passagem da terra ao céu, do estado humano ao estado supra-humano, da contingência à imortalidade. É por essa Ponte móvel, porém segura, que caminho sobre o abismo.

Raquel Naveira é escritora, poeta e professora universitária.

O vento e o castelo

Rodolfo Konder

Do alto, o rio parece uma enorme serpente branca que se arrasta. Os blocos de gelo descem lentamente na direção do Oceano Atlântico. Aqui na janela, no décimo - segundo andar do castelo, o **Chateau Frontenac**, vemos um varandão de madeira, o "promenade des gouverneurs" ou o "Terrasse Dufferin", que margeia o penhasco, sugerindo um passeio elegante e perigoso. O vento do inverno, como o hálito letal da serpente, derruba um casal desavisado e afugenta um grupo de adolescentes. À esquerda da torre onde me encontro estendem-se, com rara delicadeza as ruas da cidade velha, a **Vieux Québec**. Elas continuam iluminadas para as já distantes festas de fim de ano. À direita, depois do "promenade", ergue-se a cidadela, parte de um complexo de fortificações que nos chega, praticamente intacto, dos labirintos e batalhas do passado. Ali, ingleses e franceses, movidos pelas forças da cobiça e do destino, odiaram-se e se mataram. Ainda podemos ouvir os ecos dos combates nos gemidos do vento enfurecido.

Precisamente aqui onde o rio se estreita, os franceses, sob o comando de Champlin, fundaram a cidade, em 1608. No final do século 18, os franceses entregaram sua colônia à Inglaterra.

Do alto do **Chateau Frontenac**, vemos a enorme serpente branca que se arrasta. De um lado, o "Terrasse Dufferin" e a cidadela. Do outro, a **Vieux Quebec** e o porto. Em ambas as margens do rio Saint Lawrence, ou Saint Laurent, existe um fascinante laboratório em que convivem diferentes religiões, diversas etnias, idiomas variados. O segredo da caminhada até o sucesso atual é um só: a aceitação da diversidade. A valorização do multiculturalismo. E a fórmula de Quebec também vale para entendermos melhor o próprio Canadá – e, em nosso permanente jogo de espelhos, o Brasil.

Rodolfo Konder é escritor, professor, jornalista, tradutor, diretor do MASP e diretor cultural da UNIFMU.

MULHERES

Eunice Arruda

Mulheres
mecanizadas
simulam
vozes
De passos duros
e roupas leves
alargam a tarde
de fumaça e
objetivos
Têm pressa – não
sonhos
Mulheres mecanizadas
geram filhos e
criam o
abstrato

Eunice Arruda é escritora, poeta e membro da UBE.

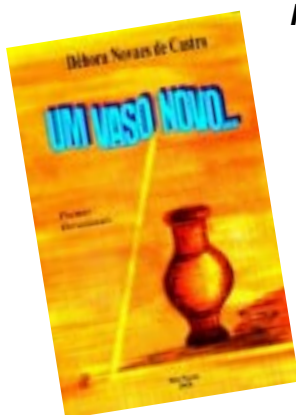
Concursos

Prêmio Sesc de Literatura 2008, categorias conto e romance, promovido pelo Serviço Social do Comércio, destinado a textos inéditos, escritos em língua portuguesa, está com inscrições abertas até o dia 15 de agosto. Poderão concorrer autores brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil com apenas uma obra em cada categoria, que deverá ser enviada separadamente e com pseudônimo diferente. O autor não poderá ter nenhum livro publicado na categoria inscrita. Os originais deverão ser enviados em quatro vias, sem ilustrações, datilografados em espaço duplo ou digitados em papel A4, em apenas um lado da folha, fonte Times New Roman, tamanho 12, estilo normal, na cor preta, parágrafo de alinhamento justificado, espaço entrelinhas duplo e margens de 2,5 cm. Enviar as quatro vias encadernadas com folha de rosto, que deverá constar o título da obra e o pseudônimo do autor. Em envelope lacrado, em anexo, deverão ser enviados os dados do autor: pseudônimo, nome, data de nascimento, título da obra, identidade, CPF, endereço completo, telefone, e-mail e currículo resumido. Os romances deverão ter entre 130 e 400 laudas e os contos, entre 70 e 200 laudas. O resultado será divulgado em janeiro de 2009. **Premiação:** O vencedor de cada categoria terá sua obra publicada e distribuída pela Editora Record, com direito a 10%

do valor de capa da obra quando da sua comercialização em livrarias. As inscrições poderão ser feitas nas Unidades do Sesc de todo o Brasil. A relação das unidades e o regulamento completo está disponível no site www.sesc.com.br

Prêmio Casa das Américas é destinado a autores do Brasil com livros publicados em português, nos anos 2007 e 2008, em primeira edição, nos gêneros romance, conto e poesia. As inscrições estão abertas até o dia 31 de outubro. Poderão participar autores brasileiros, naturais ou naturalizados, que deverão enviar um exemplar da obra por gênero. Não poderão concorrer autores laureados no gênero em que tenham obtido o *Prêmio Casa das Américas*, após o ano 2000. **Premiação:** 3.000 dólares ou o seu equivalente na moeda nacional e a publicação da obra, com tiragem de 10.000 exemplares, pela Casa das Américas, se a mesma não estiver comprometida com outra editora de língua espanhola. Os originais não serão devolvidos. Os livros deverão ser enviados à Casa das Américas, 3ra. y G, El Vedado, La Habana 10400, Cuba ou nas Embaixadas de Cuba. Informações através do e-mail: cil@casa.cult.cu. O regulamento está disponível no site www.casadelasamericas.com/premios/literario/liminar.php?pagina=liminar

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

(ESCREVER) POR QUE ESCRREVEMOS?

Emanuel Medeiros Vieira

Começamos escrevendo para viver e acabamos escrevendo para não morrer.

Para quem edifica palavras mal rompe a aurora, escrever é inadiável e urgente, mesmo que nada externamente nos obrigue a isso. Mas a necessidade interna é visceral, orgânica, chama e fogo, flecha, algo colado à pele.

Não conseguimos escapar desse apelo.

Escrevemos para perdurar, para vencer a poeira do tempo, para despistar a morte, para regar nossos fantasmas e (por que não?), para amar e se amado.

A literatura é o refúgio da sinceridade num mundo de pose.

"A literatura é um apelo de fogo, onde mora meu desespero, a minha inquietação e o meu paraíso", escreveu alguém.

Eu sei: tento escrever um hino de amor à palavra.

Qual a maior viagem (interior) que podemos fazer, senão aquela que é um mergulho no livro, nesta criação de outros mundos, nessa peregrinação às áfrias interiores?

"Se o mundo dos objetos palpáveis e vida prática, não é mais real que o mundo das ficções, dos sonhos e dos labirintos, então pode ser que o autor de artifícios verbais tenha mais direito à condição de

demiurgo que qualquer outro candidato", escreveu Samuel Titan Jr., falando sobre Borges..

Hoje, a realidade chamada virtual fica sendo mais importante que o humano propriamente dito.

Uma personalidade não aparece porque é boa, mas é boa porque aparece.

Vivemos uma mudança de época e não uma época de mudanças.

Ou está inapelavelmente decretado que não há nada mais a fazer, que o destino já rabiscou todos os destinos?

Queremos um modelo de consumidores ou de cidadãos?

Aceita-se passivamente um mundo onde são as coisas que comandam e não os valores.

Queremos pessoas abúlicas, inertes, numa globalização onde impera a uniformidade e não a igualdade?

A literatura é um sonho do eterno. Sua morte tem sido decretada diariamente.

Mas por que ela continua tão viva?

Pois há dentro do homem uma sede de infinito que nenhum modelo meramente mercantil pode saciar.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor e poeta.

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa



1- Nadou 100 metros livres ou livre e correu 100 metros raso ou rasos?

São 100 metros livre e são 100 metros rasos.

No atletismo, o adjetivo rasos se refere aos 100 metros. Na natação, livre é o nado, é o estilo, a modalidade.

Da mesma forma:

São 100 metros peito ou borboleta.

2 - Zero grau ou zero graus?

O numeral zero deixa a palavra seguinte no singular.

É zero hora.

3 - Menas ou menos?

Menas não existe.

Isto é de menos importância.

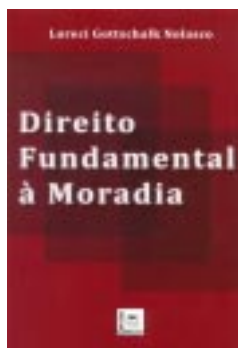
4 - Aluga-se ou alugam-se apartamentos?

O certo é alugam-se apartamentos.

Neste caso concorda com o sujeito apartamentos. É o mesmo que eu dissesse que apartamentos são alugados.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo.
portsonia@ig.com.br

Livros e Lançamentos



Direito Fundamental à Moradia, de Loreci Gottschalk Nolasco, Editora Pillares, 280 páginas, São Paulo. A autora é advogada, escritora, professora de Direito Constitucional na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, coordenadora do Curso de Direito e Mestre em Direito pela Universidade de Brasília. A obra analisa as restrições e os limites à aplicação do direito à moradia, em face da Constituição vigente.

ONDE COMPRAR:

Editora Pillares: www.editorapillares.com.br

Vida Livros: http://www.vidalivros.com.br/loja/product_info.php?products_id=569&osCsid=d0b0c37a87b19b4298964c723407b200

Livraria Saraiva: <http://www.livrariasaraiva.com.br/pesquisaweb/pesquisaweb.dll/pesquisa?ID=BD12516D7D806051036010864&FILTRON1=X&ESTRUTN1=0301&ORDEMN2=E&PALAVRASN1=direito+fundamental+%E0+moradia&image2.x=18&image2.y=14>

Livraria Cultura: http://www.livrariacultura.com.br/scripts/cultura/catalogo/busca.asp?tipo_pesq=titulo&palavra=direito+fundamental+%E0+moradia&sid=8918811091065609975997732&k5=556A8EB&uid=&lastreg=&parceiro=130133

50 Poemas Escolhidos pelo Autor, de Aricy Curvello, Edições Galo Branco, 90 páginas, Rio de Janeiro. O autor, advogado, escritor e poeta, tem trabalhos publicados em importantes antologias nacionais e no exterior (Portugal, França e Espanha). A obra reúne poemas que foram escolhidos pelo autor dos livros *Os Dias Selvagens te Ensinam*, *Vida Fu(n)dida*, *Mais que os Nomes do Nada*, *O Acampamento* e *Menos que os Nomes de Tudo* (ainda inédito). **Edições Galo Branco:** www.edicoesgalobranco.com.br - Tel.: (21) 2283-1742.



Ninguém Escreve, romance de Marcos Satoru Kawanami, Editora Moraes, 142 páginas, Nhandeara (SP). O autor é escritor, poeta e professor de Português e Inglês. A obra, uma trilogia humanística, um romance panorâmico do século XX, é dividida em três partes: romântica e subjetiva, anti-romântica e caricatural (baseada em um samba de Noel Rosa) e a terceira tem compromisso histórico e social. **Marcos Satoru Kawanami:** Rua Dr. Edmilson Pessoa Cavalcanti, 1357 - Nhandeara - SP - 15190-000. Tel.: (17) 3472-2989. E-mail: mkskawanami@bol.com.br

BEIJOS ENGOLIDOS, poemas de Jurandir Pinoti, SSUA Editora, 88 páginas, São Paulo. O autor, advogado, poeta e escritor, foi laureado com o poema *O poste* pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, em 1987. A obra reúne poemas contemporâneos, que exploram temas variados e demonstram que o autor tem domínio da arte de fazer versos. **ONDE COMPRAR: LIVRARIA DA VILA:** <http://www.livrariadavila.com.br> - **SSUA EDITORA LTDA.:** <http://www.ssuaeditora.com.br/page01.asp> - Tels.: (11) 3742-1934 e 9902-2880.



O Planeta é dos Jovens

Raymundo Farias de Oliveira

Li no jornal **Linguagem Viva**, editado por Rosani Abou Adal, minha amiga e poeta, a notícia do falecimento de Joaquim de Montezuma de Carvalho, lá em Lisboa, no velho bairro de Alfama, onde vivia a escrever monumentais ensaios, compulsivamente. Advogava, lia e escrevia... Assim ele viveu. Respirava cultura, erudição, sabedoria e inteligência – tudo sem arrogância ou pedantismo.

Fiquei triste com a notícia. Nossa amizade nasceu em 1983, quando, por sugestão de um amigo comum, Guido Fidelis, enviei-lhe meu livro *Poemas da Madrugada*. A partir daí, nasceu nossa intensa amizade epistolar e o intercâmbio de nossos textos e sonhos. Remeti-lhe todos os livros que publiquei. Ele enviava-me seus ensaios torrenciais; muitos deles publicados no jornal diário **Primeiro de Janeiro**, da cidade do Porto, e na revista **Repertório Latino-americano** (Buenos Aires).

Um belo dia, surpreendeu-me com a cópia xerográfica de minha crônica *Noite Triste*, onde falei de Gardel e Lepera, vertida para o espanhol e publicada em Buenos Aires, na revista **Repertório Latino-americano**, editada pelo poeta e embaixador argentino aposentado, Francisco R. Bello. Pronto. Estava aberta a porta da revista aos meus textos, que lá foram traduzidos e publicados, enquanto viveu o poeta Francisco R. Bello e sua monumental revista tribuna de poetas, cronistas e ensaístas de todos os países da América Latina.

De outra feita, pediu-me uma crônica sobre o centenário do livro **Só**, do poeta romântico português Antonio Nobre. Com o beneplácito do prof. Antonio Queirós, que cuidava da edição especial da revista **Cadernos do Tâmega** alusiva ao acontecimento, tive a honra e a emoção de contemplar "O centenário de um livro triste", de minha autoria, estampada entre muitos outros trabalhos de autores portugueses e bra-

sileiros (poesias e ensaios) na bela revista lusitana. Em outra oportunidade, pediu-me que enviasse um poema à Dra. Nassalette Miranda, coordenadora do *Caderno Literário* do jornal **O Primeiro de Janeiro** (Porto). Enviei e foi publicado. Por minha conta, enviei outro, também publicado com belíssima ilustração.

Assim era e assim foi Joaquim de Montezuma de Carvalho para mim. Um mestre amigo e um incentivador generoso. Quando passei por Lisboa, em 1987, não tive condições emocionais de encontrá-lo. Voltamos de Fátima (minha mulher Anna Maria e eu) muito abalados. A saudade de nosso filho Paulo, falecido tragicamente, inundou nossos corações lá em Fátima, Nazaré, Óbidos e chegamos "machucados" ao Penta Hotel, em Lisboa. Liguei para Montezuma e expliquei tais circunstâncias, e que, na manhã seguinte, seguiríamos para Madri.

No ano passado recebi mais uma surpresa de Montezuma. Na obra **Do Tempo e dos Homens** – Vol. I - Da história literária à história da cultura (de sua autoria), sob o selo do Instituto Piaget, 501 páginas, honrou-me com um ensaio (capítulo 14, págs. 95 a 100) onde transcreve e faz apreciações críticas sobre algumas de minhas crônicas constantes do livro *Sob o Céu de Jerusalém*. Na carta que me escreveu em 23/07/07, quase numa espécie de murmúrio de despedida, balbuciou: "... fui operado à vesícula. Agora ando a tratar os intestinos, com problemas de obstipação doentia. É assim a idade. O planeta é dos jovens..."

Meu amigo literário partiu em 6 de março passado e deixa-nos a todos os seus leitores espalhados pelo mundo da língua portuguesa e espanhola um vazio incomensurável, profundo e dolorido. Ele nunca ausentou-se de sua juventude e não se rendeu jamais à solidão da velhice ociosa. Resta-nos agora a leitura de sua obra majestosa, num comovente silêncio de saudade.

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e Procurador do Estado aposentado.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 - São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589

Anuncie no *Linguagem viva*

www.linguagemviva.com.br

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392

Notícias

Thalita Rebouças assinou contrato com a Editorial Presença, de Portugal, para lançar a coleção *Fala sério, Mãe!*, em 2009. Os



Carlos Luz

Thalita Rebouças

títulos da coleção, publicados no Brasil pela Editora Rocco, venderam mais de 44 mil exemplares. Na Bienal Internacional do Livro, Thalita lançará *Fala sério, amiga!*.

Caio Porfírio Carneiro, escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores, completou, no dia 1 de julho, 80 anos. Amigos do autor de *Trapiá* e membros da diretoria organizaram uma festa surpresa na sede da entidade, no dia 25 de junho. Caio foi agraciado com uma placa de prata, oferecida pela UBE, em homenagem aos serviços prestados à entidade e à cultura. Também recebeu dos amigos um opúsculo sobre sua vida e obra.

O Projeto de Lei do senador Flávio Arns (PT-PR) foi aprovado pela Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática do Senado, que determina ao Poder Público disponibilizar através da internet um portal com arquivos digitais de livros didáticos, científicos, técnicos e literários em braile. O projeto, que alterou a Lei 10.098/00 (Lei de Acessibilidade), prevê a liberação de obras de domínio público e das que forem autorizadas pelos detentores dos direitos autorais. Os usuários terão direito de imprimir uma cópia em braile ou baixar arquivos que convertem a mesma em áudio.

A Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade realiza o evento *Portais de Minas – Exposição de Arte Aldravista*, da artista plástica Déia Leal, até o dia 30 de julho, em Mariana - MG.

A Casa de Cultura Pra Saber promove cursos e saraus poéticos. Informações pelo telefone (11) 3062-9970 ou através do site www.prasaber.com. A Casa de Cultura Pra Saber fica na Rua Artur de Azevedo, 726, em São Paulo.

O Instituto Butantan, órgão da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, realiza quinzenalmente, aos sábados, das 10 às 16 horas, o *Espaço de Leitura*, que tem como objetivo exercitar a leitura e conhecer autores e obras. O evento acontece na Alameda, junto ao Museu de Rua, na Avenida Vital Brasil, 1500, no Butantã, em São Paulo.

Reprodução Integral de Obras Esgostadas é permitida para uso exclusivo de estudantes, conforme o substitutivo ao Projeto de Lei 5046/05, do deputado Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB-SP), que foi aprovado pela Comissão de Educação e Cultura, no dia 18 de junho. O relator do projeto foi o deputado Rodrigo Rocha Loures. A proposta alterou a Lei 9.610/98, sobre direitos autorais, que apenas permite a reprodução de pequenos trechos, para uso privado do copista.

Margaret Atwood foi agraciada com foi o *Prêmio Príncipe das Astúrias de Letras 2008*. A escritora canadense concorreu a fase final com o espanhol Juan Goytisolo, o britânico Ian McEwan e o albanês Ismail Kadaré.

A Vida Imperial na Cidade Esmeralda, de Rajiv Chandrasekaran, considerado um dos melhores livros de 2007 pelo *New York Times* e vencedor do *Prêmio Samuel Johnson* para não-ficção, foi lançado pela Edições 70.

Capitu Mandou Flores, obra organizada por Rinaldo de Fernandes, com apresentação de Nelson de Oliveira, foi lançada pela Geração Editorial.

A Escola Estadual Astolfo Dutra está organizando sua biblioteca. Os novos autores interessados em doar livros deverão enviá-los acompanhados de cópias de resenhas, matérias ou qualquer material disponível que possa subsidiar o trabalho de análise dos alunos. O material deverá ser enviado à Rua Marlene, 123 - Bairro Dico Leite, Cataguases - MG - 36772-456. Informações através do telefone (32) 3421.3088 ou pelo e-mail ee.astdutra@hotmail.com.

A Biblioteca Municipal de Lyon (França) disponibilizará obras do seu acervo para pesquisas e download no site do Google Book Search. Estarão disponíveis obras em latim, italiano, Inglês, alemão e espanhol.

O Prêmio Jabuti, que teve um total de 2.141 inscritos nas 20 categorias, divulgará os resultados da primeira seleção no dia 28 de agosto. A segunda seleção será divulgada no dia 23 de setembro e o resultado final acontecerá na cerimônia de premiação, no dia 31 de outubro, na Sala São Paulo.

O Pocket Ouro, que reunirá livros de bolso de clássicos a best-sellers, será lançado pela Ediouro. As obras serão distribuídas em bancas, supermercados e livrarias.

A 18ª Convenção Nacional de Livrarias, promovida pela Associação Nacional de Livrarias, acontecerá de 11 a 13 de agosto, no Hotel Holiday Inn, Rua Professor Milton Rodrigues, 100, no Parque Anhembi, em São Paulo. No evento será apresentado o *Anuário de Livrarias 2008*, que abrigará informações sobre o segmento. Inscrições e informações pelo telefone (11) 3337-5419 ou através do e-mail adriana@anl.org.br.

A Feira do Livro de Frankfurt, que acontecerá de 15 a 19 de outubro, contará com as presenças de Orhan Pamuk, laureado com o Nobel de Literatura de 2006 e do presidente turco, Abdullah Gul, na abertura do evento.

O Guia do Programa Nacional do Livro Didático, que é destinado à alfabetização de jovens e adultos, está disponível no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - www.fnede.gov.br - de 28 de julho a 11 de agosto.

Raquel Naveira ministrou o curso *Oficina Poética: Uma Forma Livre de se Expressar e Escrever* na Escola do Escritor.

A Escola do Escritor promoverá cursos durante a 20ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que acontecerá de 14 a 24 de agosto de 2008, no Pavilhão do Anhembi. Informações através do telefax: (11) 3034-2981 ou através do site www.escoladoescritor.com.br

Até o Próximo Sonho, romance de Euzébio, psicografado por *Álvaro Basile Portughesi*, foi lançado pela Edições Clareon.

O Canal do Livro, uma iniciativa da empresa Retoque Assessoria e Comunicação que transforma obras literárias em ferramentas educativas, foi escolhido pelo Ministério da Cultura para integrar o Banco Mundial de Recursos Multimídia. Obras estarão disponíveis gratuitamente para download através do site ww.livroclip.com.br

A Filosofia no Ensino Médio, curso ministrado pelos professores Lídia Maria Rodrigo, Renê Trentin Silveira, Silvio Gallo e Roberto Gotto, acontecerá nos dias 2 e 9 de agosto, das 9 às 17 horas, no auditório José de Anchieta, na Edições Loyola, Rua 1822 nº 347, em São Paulo. O preço do curso é de R\$ 120,00 e inclui certificado, material de apoio, café e almoço. Informações através do site www.loyola.com.br/cursos ou no E-mail cursos@loyola.com.br ou pelo telefone (11) 2914-1922, ramal 274.



Alberico Rodrigues

Alberico Rodrigues lançará *Banquete de Contos e Poesias e a Evocação do Zé Batalha* - Teatro Rural Brasileiro, no dia 27 de julho, domingo, das 16 às 21 horas, no Espaço Cultural Alberico Rodrigues, Praça Benedito Calixto, 159, em São Paulo. Informações pelos telefones (11) 3064-3920 e 3064-9737. Site www.espacoalberico.com.br

Beatriz Helena Ramos Amaral participou do *Congresso Internacional da Abralic - Associação Brasileira de Literatura Comparada*, que aconteceu de 13 a 17 de julho, apresentando a comunicação intitulada *Literatura e outras artes na pós-modernidade: paradoxais convergências*. Beatriz também autografou o livro *Luas de Júpiter*.

Dicta&Contradicta, revista de cultura, criada pelo Instituto de Formação e Educação, patrocinada pelo Banco Fator e Instituto Bovespa, apresenta ensaios aprofundados sobre temas ligados especialmente às artes, à literatura e à filosofia. A revista, com periodicidade semestral, dispõe de artigos inéditos traduzidos das revistas *The New Criterion* e *First Things*.

Malabia, revista editada pelo escritor e professor uruguaio Federico Noga, apresenta, na edição de julho, texto de Nelson Hoffmann, intitulado *Uma outra face do poeta Aricy Curvello*. Site: www.revistamalabia.com.ar/

História da Imprensa no Brasil, livro organizado pelas historiadoras Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins, que conta os 200 anos da história de imprensa no Brasil, foi lançado pela Editora Contexto.

Costa Senna lançou o livro *Caminhos Diversos sob os Signos do Cordel*, pela Global Editora, com apoio da Ação Educativa.

Filippo Muratori lançou *Jovens violentos – Quem são, o que pensam, como ajudá-los?* pela Edições Paulinas, Coleção *Caminhos da Psicologia*.

Sonetos, de Guilherme de Almeida, foi lançado em co-edição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Academia Brasileira de Letras e Academia Paulista de Letras.

O Fantasticon 2008 - Simpósio de Literatura Fantástica está com a programação atualizada através do site www.universofantastico.com.br